

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Cidade de Santos*

Class.: _____

Data: *17.05.84*

Pg.: _____

A Cidade de Santos 17.5.84 Juruna indignado, em Peruíbe

O deputado-cacique Mário Juruna (PDT) não gostou nem um pouco do que viu e ouviu na reserva dos índios tupis-guaranis, em Peruíbe. Muita miséria e submissão total da comunidade indígena (melhor, do que sobrou dela) à Funai — Fundação Nacional do Índio. Chegou até, em certo momento, a fazer um discurso indignado, quando soube que a Funai estava proibindo os índios que deixaram a reserva e passaram a residir na cidade, em busca de melhores condições de vida, a visitar a comunidade onde nasceram e estão seus parentes.

“Lei não permite que Funai pode proibir chegada índio que nasce aqui e quer voltar onde existe ritual. É crime o que Funai fazendo isso. Índio não acostumado viver como posseiro, índio é comprometido com a comunidade. Quero nome da pessoa que proibindo, para apurar. Índio é mais livre e Funai não tem direito de proibir entrada sua terra. Funai criada para dar proteção índio, demarcar terra, dar assistência, ensinar trabalhar na roça. Funai para isso e não proibir chegada índio que quer sair e voltar. Estranho isso. Conheço índios Mato Grosso, São Paulo. Funai já acostumou pisar em cima de vocês”.

Aliás, a submissão dos índios de Peruíbe às ordens da Funai mereceu um outro discurso severo de Juruna: “Funai é obrigada atender índio e não índio atender Funai.”



Juruna não gostou do que viu

Aqui tratamento índio é muito diferente de Mato Grosso. Lá índio manda na Funai”.

A mensagem de Juruna, ontem, foi clara: questões de índio devem ser tratadas através dele ou da Funai, hoje em mãos de índio. O deputado-cacique disse que “é preciso acabar com pessoal que aproveita nome de índio e faz o contrário”. Entre esse pessoal ele inclui todas as entidades que trabalham em favor do índio: “sou contra todo esse pessoal. Conselho Indigenista, CTI, CIMI, é todo mundo branco. Conheço todo time. Todo mundo igual querendo ganhar imagem de vocês, nunca viveu problema de índio. Faz reunião universidade, Brasília e não conhece vida de índio”.

Se as entidades quiserem ajudar o índio brasileiro, o conselho de Juruna é de procurar a Funai, em Brasília, “para conversar com presidente novo, ver verba assistencial, demarcar terra, garantir vida do povo. Com toda entidade chega a Funai, o brasileiro encontra solução para o índio”. Posteriormente, Juruna salientou que vem lutando sozinho e que ninguém o procurou para tratar do problema do índio, “talvez com inveja de mim porque aí continuariam a falar em nome índio”. Aliás, neste ponto, Juruna deixou claro que os dias do delegado da Funai em São Paulo estão contados: “ele perseguiu muito índio guarani, não gosta que índio estude. Quer mandar no índio mas ele hoje não manda mais nada.”

Caso de morte será levado à Funai

A Funai designará um advogado para acompanhar o inquérito sobre o assassinato do cacique Samuel, que tramita na Polícia Federal, em Santos. Isto foi assegurado, ontem, pelo deputado-cacique Mário Juruna que adiantou, também, irá colocar em seu relatório a ser entregue em Brasília a atitude “estranha” da Funai, permitindo a entrada de um time de futebol, armado, em terra de índio, quando não deixa que nem parentes dos indígenas, que foram morar na cidade, entrem na reserva. O mesmo acontece com o Cimi — Conselho Indigenista Missionário, que atua na área.

Juruna disse que a encarregada da reserva, Maria Conceição, é responsável pela entrada do time e que ele não admite que “qualquer jogador entre terra de índio”. Mas considerou também que uma parte da culpa “pode ser da comunidade indígena (“não sei se a vontade da comunidade era deixar entrar time”) e outra parte da encarregada.

Outros fatos que, certamente, constarão do relatório de Juruna são as denúncias feitas pelo próprios índios: a aideta (atualmente com 30 adultos e muitas crianças) não tem professor; não tem água. O agrônomo enviado pela Funai, como disseram os índios, indicou lugares impróprios para o plantio (arroz, no morro e banana, no mangue). Alimentação é precária, com os índios passando fome. A maioria vive atualmente do pouco artesanato que vende a preços mínimos (6 mil cruzeiros a dúzia do facão). O projeto do plantio da banana está paralizado porque os índios pediram aumento no pagamento.

Segundo denúncia do índio Cesário, a Funai expulsou os mestiços da área, conseguindo 146 mil cruzeiros com a banana deixada por eles. Essa quantia era para ser dividida entre os índios, que nada receberam até agora.

Outra denúncia: o delegado anterior

anunciou que seria feita a derrubada de madeira (em área considerada reserva permanente) para venda. O auferido seria revertido em casas e melhorias mas, até agora, não viram nem dinheiro, nem melhoria. E os índios garantem que mais de dois caminhões foram tirados da área. O índio Cesário também explicou que há tempos vem pedindo adubo para sua plantação, não a recebendo sob a alegação de que é preciso autorização. Ontem, ao deputado Juruna, a encarregada da reserva (na verdade, apenas enfermeira) Maria Conceição, mostrava o depósito, com muitos sacos de adubo, que seriam transferidos para outra área por não necessitarem no local.

O que se pode perceber, ontem, é que os índios moradores na reserva estavam atemorizados, quase não falavam. As questões, normalmente, eram colocadas por seus parentes de fora, como a índia Catarina, que chegou a pedir a “cabeça” do delegado Alvaro Villas Boas.

Preocupação: saber onde está a verba

A Funai mudou mas está sem verbas. Essa questão também foi colocada pelo deputado-cacique Mário Juruna. Ele disse que está sendo processado um levantamento, para saber onde a Funai tem gasto sua verba “por ano e por mês” e quanto o organismo recebe para atender a comunidade indígena. E, por enquanto, Juruna já pode anunciar um fato surpreendente: dos 13 bilhões de cruzeiros constados no orçamento deste ano da Funai, o órgão somente tem 2 milhões.

“A Funai não tem verba, não tem mais nada. Mas a gente já está fazendo contato com o Ministério. Encaminhei para o pai branco, aquele que vai para Nova York, no FMI, o Delfim, pedido de verba”, concluiu

Juruna, voltando a dizer que o atual presidente da Funai é um homem de sua “total confiança”.

E para esse homem que Juruna explicará, em seu relatório, a versão do assassinato do cacique Samuel, ouvida de seu próprio filho, o índio Euzébio, sobrevivente do episódio. Euzébio voltou a afirmar que ele, seu pai e seu primo caíram numa emboscada. E que tudo ocorreu depois de um “entrevero” numa partida de futebol, quando na disputa de uma bola, um índio “acertou” o goleiro do time Rio Preto. Este time não foi convidado pelos índios, “apareceu de oferecido”. Depois do “entrevero”, membros da equipe do Rio Preto

dispararam para o alto, mas o incidente foi contido ali mesmo.

Foi mais tarde, quando o cacique saiu para fazer compras, que tudo ocorreu. Na volta, membros da equipe Rio Preto quiseram por a briga “a limpo”. Houve discussão. Miro, um integrante da equipe, deu uma “peitada” em Euzébio que, vendo que o outro estava armado, puxou o facão. O outro, Zé Martins, ficou brigando com o cacique Samuel do outro lado da ponte. Euzébio recebeu tiros nas pernas e garante que estes tiros vieram do mata: “Tinha gente escondida e os tiros vieram de lá”. A encarregada do posto explicou que a entrada de times de futebol na reserva era permitida antes de sua chegada ao posto.